

ANEXO A
Itens de leitura cuja divulgação está autorizada

LAGO CHADE

A Figura 1 mostra alterações do nível do Lago Chade, na África Sariana. O Lago Chade desapareceu completamente por volta de 20 000 a.C., durante a última era glaciária. Reapareceu por volta de 11 000 a.C. Hoje em dia, o nível do lago é aproximadamente o mesmo que em 1000 d.C.

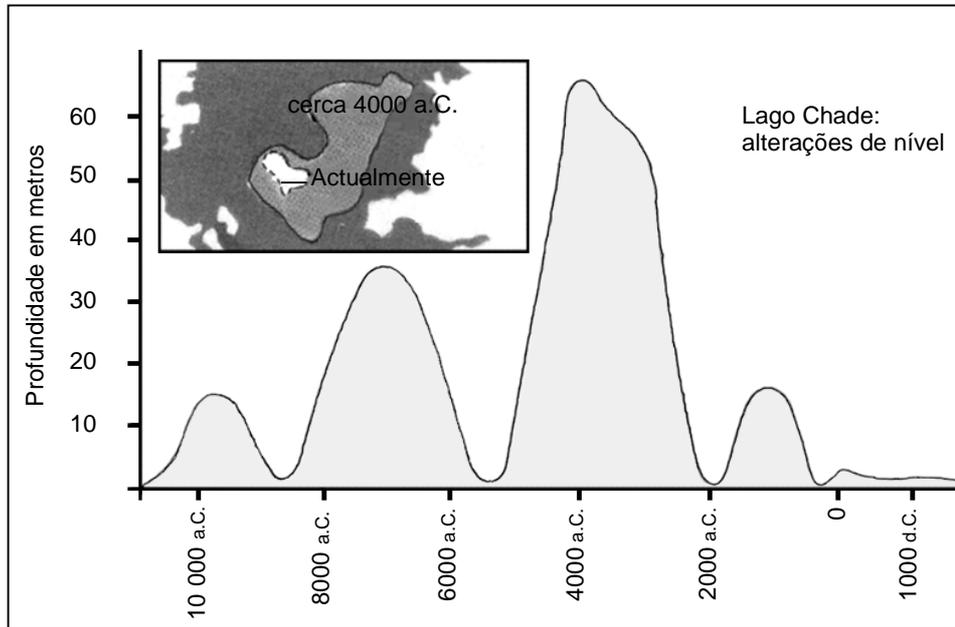


Figura 1

A Figura 2 mostra animais representados em gravuras rupestres sarianas (antigos desenhos ou pinturas no interior das cavernas) e alterações da fauna selvagem.

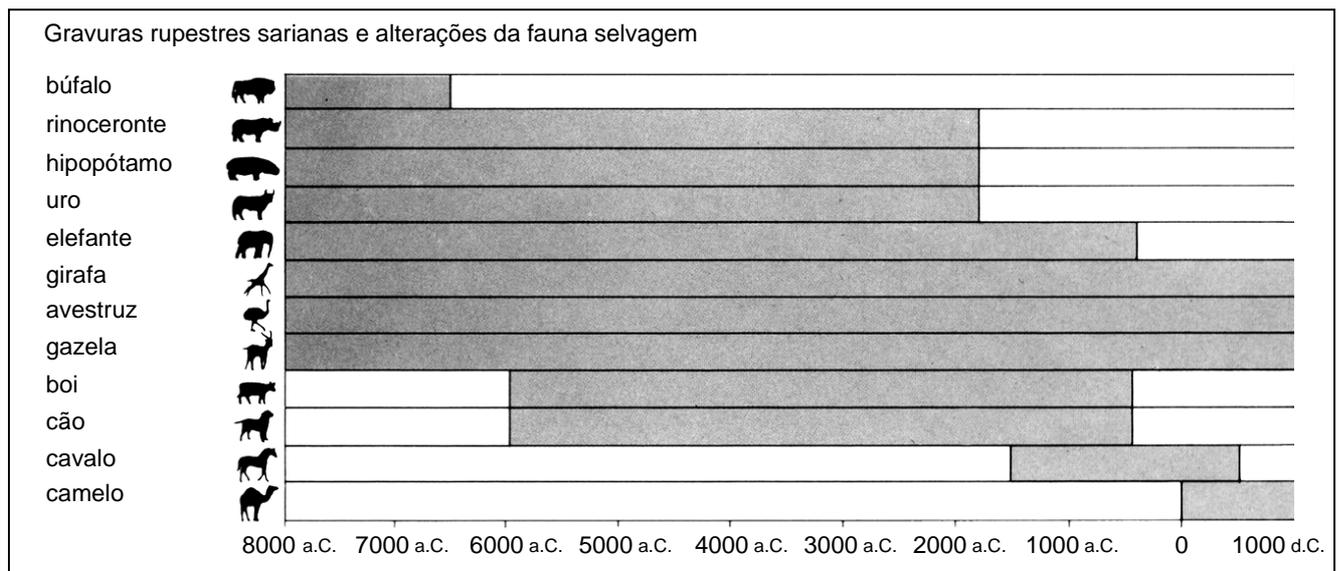


Figura 2

Utilize as informações sobre o Lago Chade, apresentadas na página anterior, para responder às questões que se seguem.

LAGO CHADE

R040Q02

Qual é, hoje em dia, a profundidade do Lago Chade?

- A Cerca de dois metros.
- B Cerca de quinze metros.
- C Cerca de cinquenta metros.
- D O Lago desapareceu completamente.
- E A informação não é fornecida.

LAGO CHADE

R040Q03A- 0 1 9

Em que ano, aproximadamente, tem origem o gráfico da Figura 1?

.....

LAGO CHADE

R040Q03B- 0 1 9

Por que terá o autor escolhido esse ponto para origem do gráfico?

.....

.....

LAGO CHADE

R040Q04

A Figura 2 baseia-se na hipótese de que

- A os animais das gravuras rupestres existiam naquela área, no tempo em que foram desenhados.
- B os artistas que desenharam os animais eram muito habilidosos.
- C os artistas que desenharam os animais podiam fazer viagens de longa distância.
- D não houve tentativas de domesticação dos animais que foram representados nas gravuras rupestres.

LAGO CHADE

R040Q06

Para esta questão, precisa de combinar dados da Figura 1 e da Figura 2.

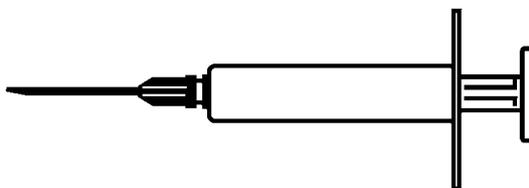
O rinoceronte, o hipopótamo e o uro desapareceram das gravuras rupestres sarianas

- A no início da mais recente era glaciária.
- B no meio do período em que o Lago Chade estava no seu nível máximo.
- C após o nível do Lago Chade ter baixado durante mais de mil anos.
- D no início de um período de seca ininterrupta.

PROGRAMA ACOL DE VACINAÇÃO VOLUNTÁRIA CONTRA A GRIPE

Como decerto sabe, a gripe pode atacar rápida e intensamente no Inverno e deixar as suas vítimas doentes durante semanas.

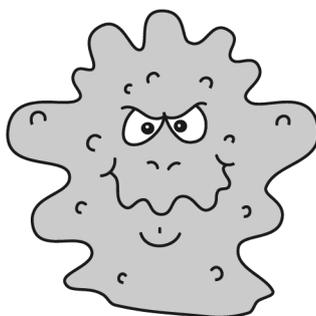
A melhor maneira de combater o vírus é ter um corpo saudável e em forma. Exercício físico diário e uma alimentação que inclua muita fruta e legumes recomendam-se vivamente, para ajudar o sistema imunitário a combater esse vírus invasor.



A ACOL decidiu oferecer aos seus empregados a oportunidade de serem vacinados contra a gripe, como meio complementar de prevenção, para impedir esse traiçoeiro vírus de se espalhar entre nós. A ACOL contratou uma enfermeira para administrar as vacinas durante meio dia, dentro do horário de trabalho, na semana de 17 de Novembro. Este programa é gratuito e aberto a todo o pessoal.

A participação é voluntária. Aos empregados que optarem pela vacinação, será pedido que assinem um formulário de «consentimento informado», declarando que não sofrem de nenhuma alergia e que têm conhecimento de poderem vir a sentir efeitos secundários ligeiros.

Segundo os médicos, a vacinação não provoca gripe. Pode, no entanto, causar alguns efeitos secundários, como fadiga, febre moderada e alguma dor no braço.



QUEM DEVE SER VACINADO?

Qualquer pessoa que queira estar protegida contra o vírus.

A vacinação é particularmente aconselhada às pessoas com mais de 65 anos. Mas, independentemente da idade, também a todas as que têm doenças crónicas debilitantes, sobretudo problemas cardíacos, pulmonares, brônquicos ou diabéticos.

TODOS os que trabalham em ambiente de escritório correm o risco de apanhar gripe.

QUEM NÃO DEVE SER VACINADO?

As pessoas alérgicas aos ovos, as que sofrem de doenças com febres agudas e as mulheres grávidas.

Se está a tomar medicamentos ou já teve alguma reacção a uma vacina antigripal, informe-se junto do seu médico.



Se deseja ser vacinado na semana de 17 de Novembro, por favor, avise a directora de pessoal, Eugénia Martins, até 7 de Novembro (sexta-feira). A data e a hora serão marcadas em função da disponibilidade da enfermeira, do número de interessados e do horário conveniente à maioria dos empregados. Se deseja ser vacinado para este Inverno, mas não pode comparecer no horário estabelecido, por favor, informe Eugénia Martins. Pode ser criado um horário alternativo se o número de interessados for suficiente.

Para mais informações, contacte, por favor, Eugénia Martins (Ext. 314).

Mantenha-se
Em Forma

Eugénia Martins, directora de pessoal de uma empresa chamada ACOL, elaborou, para os empregados desta empresa, a folha informativa apresentada nas duas páginas anteriores. Fundamente-se nessa folha informativa para responder às questões que se seguem.

GRIPE

R077Q02

Qual das seguintes frases descreve um aspecto do programa de vacinação da ACOL?

- A Aulas de ginástica diárias irão decorrer durante o Inverno.
- B As vacinas serão dadas durante o horário de trabalho.
- C Um pequeno bónus será oferecido aos participantes.
- D Um médico dará as vacinas.

GRIPE

R077Q03- 0 1 2 9

Pode-se falar do **conteúdo** de um texto (o que é dito).

Pode-se falar do **estilo** de um texto (a maneira como é apresentado).

Eugénia quis dar a esta folha informativa um **estilo** amigável e motivador.

Pensa que Eugénia terá conseguido o que pretendia?

Justifique a sua resposta referindo-se a pormenores da folha informativa relativos à apresentação gráfica, ao estilo de escrita, à ilustração ou a outros aspectos gráficos.

.....

.....

.....

A folha informativa dá a entender que, se quisermos proteger-nos contra o vírus da gripe, uma vacina é

- A mais eficaz do que o exercício físico e uma alimentação saudável, mas de maior risco.
- B uma boa ideia, mas não substitui o exercício físico e uma alimentação saudável.
- C tão eficaz como o exercício físico e uma alimentação saudável, e menos incómoda.
- D inútil se fizermos muito exercício físico e tivermos uma alimentação saudável.

Numa parte da folha informativa diz-se:

QUEM DEVE SER VACINADO?

Qualquer pessoa que queira estar protegida contra o vírus.

Depois de Eugénia ter divulgado a folha informativa, uma colega disse-lhe que não devia ter incluído as palavras «Qualquer pessoa que queira estar protegida contra o vírus», porque podiam induzir em erro.

Concorda que estas palavras podem induzir em erro e não deviam ter sido incluídas?

Justifique a sua resposta.

.....

.....

.....

.....

De acordo com a folha informativa, qual destes empregados deveria contactar Eugénia?

- A Esteves, do armazém, que não quer ser vacinado, porque confia na sua imunidade natural.
- B Júlia, das vendas, que quer saber se o programa de vacinação é obrigatório.
- C Alice, do expediente, que queria ser vacinada, mas vai ter um bebé dentro de dois meses.
- D Miguel, da contabilidade, que queria ser vacinado, mas vai estar de férias na semana de 17 de Novembro.

GRAFFITI

Estou furiosa por ver que é a quarta vez que limpam e pintam o muro da escola, para fazer desaparecer os *graffiti*. A criatividade é uma coisa maravilhosa, mas as pessoas deviam encontrar formas de expressão que não impusessem custos à sociedade.

Por que é que insistem em dar má fama aos jovens, pintando *graffiti* onde é proibido? Os artistas profissionais não penduram os quadros na rua, pois não? Em vez disso, tentam obter subsídios e tornar-se conhecidos por meio de exposições legais.

Quanto a mim, os edifícios, as vedações e os bancos de jardim são já obras de arte. É realmente lamentável estragar essa arquitectura com *graffiti* e, pior ainda, o método utilizado destrói a camada de ozono. Francamente, não consigo compreender por que razão estes artistas criminosos se dão a tanto trabalho, se as suas «obras de arte» acabam sempre por ser apagadas.

Helga

Gostos não se discutem. Vivemos na sociedade da comunicação e da publicidade. Logótipos de empresas, nomes de lojas. Por todo o lado, enormes cartazes a invadir as ruas. São admissíveis? Sim, na maioria. São os *graffiti* admissíveis? Há quem diga que sim, há quem diga que não.

Quem paga o preço dos *graffiti*? Quem paga, em última análise, o preço da publicidade? Exacto. O consumidor.

As pessoas que afixaram painéis de publicidade pediram-nos licença? Não. Deviam então os autores de *graffiti* pedi-la? Os nomes deles, os nomes dos grupos e grandes obras de arte na rua – não será tudo apenas uma questão de comunicação?

Pensem na roupa às riscas e aos quadrados que apareceu nas lojas há uns anos. E nos equipamentos de esquí. As cores e os padrões foram directamente roubados a esses muros de betão floridos. É muito engraçado ver que essas cores e esses padrões são admitidos, mas que os *graffiti* no mesmo estilo são considerados horríveis.

A arte atravessa tempos difíceis.

Sofia

As duas cartas apresentadas na página anterior foram difundidas na Internet e são sobre graffiti. Graffiti são pinturas e textos inscritos ilegalmente nas paredes ou noutros locais. Utilize as cartas para responder às questões que se seguem.

GRAFFITI

R081Q01

O objectivo destas cartas é

- A explicar o que são os *graffiti*.
- B dar opinião sobre os *graffiti*.
- C demonstrar a popularidade dos *graffiti*.
- D dizer às pessoas quanto custa limpar os *graffiti*.

GRAFFITI

R081Q05- 0 1 9

Por que é que Sofia menciona a publicidade?

.....

.....

Com qual das duas cartas concorda mais? Justifique a resposta **por palavras suas**, fundamentando-se no que é dito numa ou em ambas as cartas.

.....

.....

.....

Pode-se falar **do que** uma carta diz (o seu conteúdo).

Pode-se falar **da maneira como** uma carta está escrita (o seu estilo).

Sem ter em conta a sua concordância com o conteúdo de uma ou outra das cartas, diga qual é, para si, a melhor carta, fundamentando-se **na maneira como** está escrita, ou como estão escritas ambas as cartas.

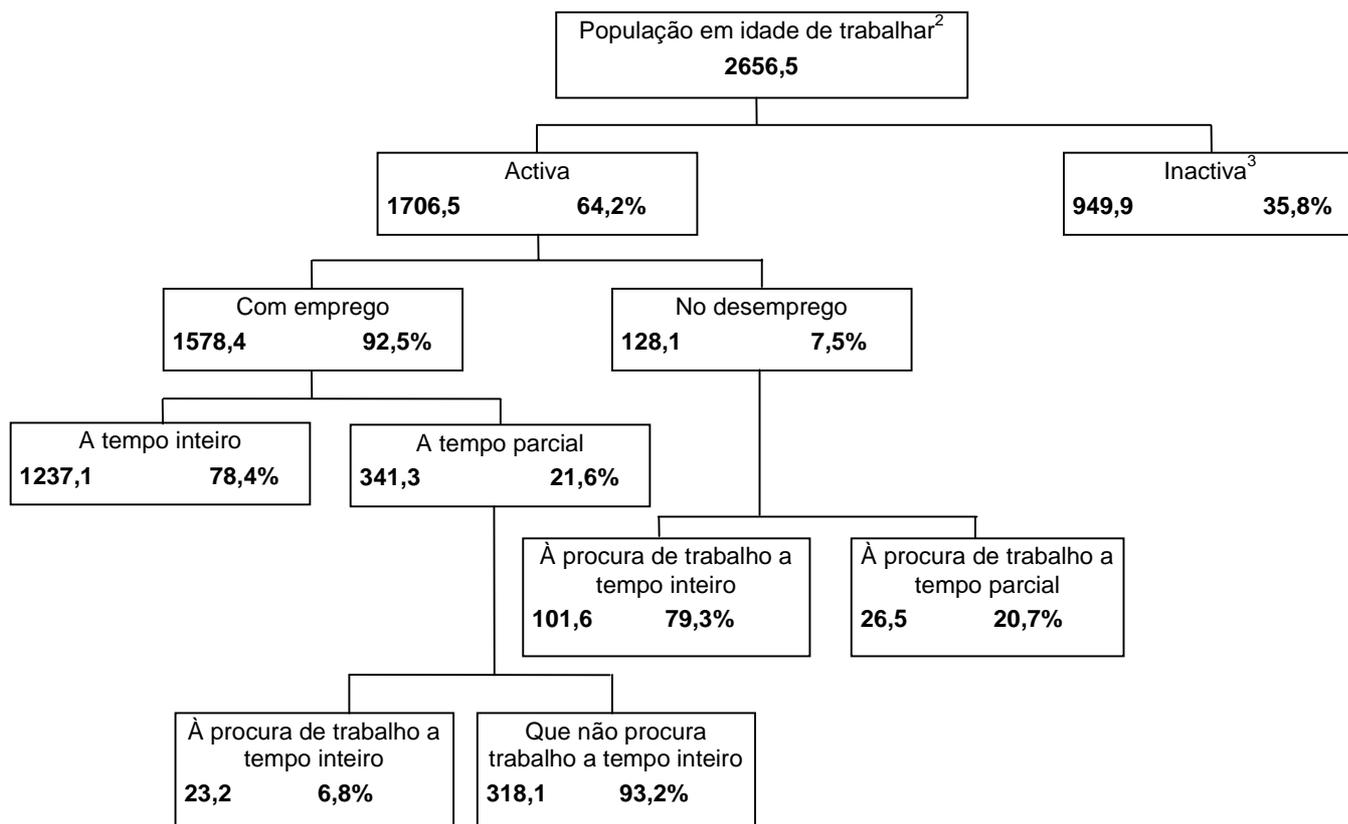
.....

.....

.....

O diagrama em árvore abaixo apresentado mostra a estrutura da força de trabalho de um país, ou seja, da «população em idade de trabalhar». A população total desse país, em 1995, era de aproximadamente 3,4 milhões de pessoas.

Estrutura da Força de Trabalho em 31 de Março de 1995 (000s)¹



Notas:

1. O número de pessoas é sempre dado em milhares (000s).
2. A população em idade de trabalhar corresponde às pessoas entre os 15 e os 65 anos de idade.
3. A população «Inactiva» corresponde às pessoas que não estão activamente à procura de trabalho e/ou que não estão disponíveis para trabalhar.

Use as informações sobre a força de trabalho de um país, apresentadas na página anterior, para responder às questões que se seguem.

TRABALHO

R088Q01

Quais são os dois principais grupos em que se divide a população em idade de trabalhar?

- A Com emprego e no desemprego.
- B Pessoas em idade de trabalhar e pessoas que não estão em idade de trabalhar.
- C Trabalhadores a tempo inteiro e trabalhadores a tempo parcial.
- D População activa e população inactiva.

TRABALHO

R088Q03- 0 1 2 9

Quantas pessoas em idade de trabalhar estavam inactivas? (Escreva o **número** de pessoas, não a percentagem.)

.....

TRABALHO

R088Q04

Em que parte do diagrama em árvore se inclui, caso se inclua em alguma, cada uma das pessoas mencionadas no quadro que se segue?

Responda de acordo com o exemplo, fazendo uma cruz no quadrado correcto.

	«Activa: com emprego»	«Activa: no desemprego»	«Inactiva»	Não se inclui em nenhuma categoria
Um empregado de mesa a tempo parcial, com 35 anos	<input checked="" type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma mulher de negócios, com 43 anos, que trabalha 60 horas por semana	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Um estudante a tempo inteiro, com 21 anos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Um homem de 28 anos, que recentemente vendeu a sua loja e anda em busca de trabalho	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma mulher de 55 anos, que nunca trabalhou nem quis trabalhar fora de casa	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Uma avó de 80 anos, que ainda trabalha algumas horas por dia na banca que a família tem no mercado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Suponha que as informações sobre a força de trabalho eram apresentadas, todos os anos, num diagrama em árvore como este.

Mostre quais os elementos do diagrama abaixo mencionados que poderiam mudar de ano para ano, fazendo um círculo em torno de «Mudam» ou «Não mudam», como no exemplo.

Elementos do diagrama em árvore	Resposta
As categorias do diagrama (por ex., «Activa»)	Mudam (Não mudam)
As percentagens (por ex., «64,2%»)	Mudam / Não mudam
Os números (por ex., «2656,5»)	Mudam / Não mudam
As notas sob o diagrama em árvore	Mudam / Não mudam

As informações sobre a estrutura da força de trabalho são apresentadas sob a forma de diagrama em árvore, mas poderiam ter sido apresentadas de muitas outras maneiras, como uma descrição escrita, uma tabela, um gráfico circular ou de barras.

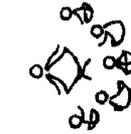
O diagrama em árvore foi escolhido provavelmente por ser de especial utilidade para mostrar

- A as mudanças ao longo do tempo.
- B a dimensão da população total do país.
- C as categorias dentro de cada grupo.
- D a dimensão de cada grupo.



Crescer com Saúde

	EGIPTO	ETIÓPIA	QUÊNIA	MALAWI	SUDÃO	TANZÂNIA	UGANDA	ZÂMBIA	ZIMBABWE	TOTAIS
Centros de saúde construídos, com 4 quartos ou menos	1	0	6	0	7	1	2	0	9	26
Auxiliares de saúde formados num dia	1 053	0	719	0	425	1 003	20	80	1 085	4 385
Crianças que receberam suplementos nutricionais > 1 semana	10 195	0	2 240	2 400	0	0	0	0	251 402	266 237
Crianças que receberam ajuda financeira para fins de saúde / tratamentos dentários	984	0	396	0	305	0	581	0	17	2 283



Aprender

Professores formados numa semana	0	0	367	0	970	115	565	0	303	2 320
CADERNOS escolares comprados / doados	667	0	0	41 200	0	69 106	0	150	0	111 123
Manuais escolares comprados / doados	0	0	45 650	9 600	1 182	8 769	7 285	150	58 387	131 023
Uniformes escolares comprados / confeccionados / doados	8 897	0	5 761	0	2 000	6 040	0	0	434	23 132
Crianças que receberam ajuda em propinas / bolsas de estudo	12 321	0	1 598	0	154	0	0	0	2 014	16 087
Mesas escolares fabricadas / compradas / doadas	3 200	0	3 689	250	1 564	1 725	1 794	0	4 109	16 331
Salas de aula construídas de raiz	44	0	50	8	93	31	45	0	82	353
Salas de aula reparadas	0	0	34	0	0	14	0	0	33	81
Adultos que receberam cursos de alfabetização durante este ano económico	1 160	0	3 000	568	3 617	0	0	0	350	8 695



Habitat

Sanitas ou casas de banho abertas / construídas	50	0	2 403	0	57	162	23	96	4 311	7 102
Casas ligadas a novos sistemas de saneamento	143	0	0	0	0	0	0	0	0	143
Poços abertos / beneficiados (ou nascentes captadas)	0	0	15	0	7	13	0	0	159	194
Furos de captação de água abertos com sucesso	0	0	8	93	14	0	27	0	220	362
Sistemas construídos de abastecimento de água potável, alimentados por gravidade	0	0	28	0	1	0	0	0	0	29
Sistemas de abastecimento de água potável reparados/beneficiados	0	0	392	0	2	0	0	0	31	425
Casas beneficiadas através do projecto PLAN	265	0	520	0	0	0	1	0	2	788
Casas construídas para os beneficiários	225	0	596	0	0	2	6	0	313	1 142
Espaços comunitários construídos ou beneficiados	2	0	2	0	3	0	3	0	2	12
Dirigentes comunitários formados num dia ou mais	2 214	95	3 522	232	200	3 575	814	20	2 693	13 365
Quiómetros de estrada beneficiados	1,2	0	26	0	0	0	0	0	53,4	80,6
Pontes construídas	0	0	4	2	11	0	0	0	1	18
Famílias directamente beneficiadas pelo controlo da erosão	0	0	1 092	0	1 500	0	0	0	18 405	20 997
Casas que passaram a ser servidas por um projecto de electrificação	448	0	2	0	0	0	0	0	44	494

O quadro da página anterior, que faz parte de um relatório publicado pela PLAN Internacional, uma organização humanitária internacional, dá algumas informações sobre o trabalho da PLAN numa das regiões em que actua (África Oriental e Austral). Fundamente-se no quadro para responder às questões que se seguem.

PLAN INTERNACIONAL

R099Q04A

Que mostra o quadro acerca do nível de intervenção da PLAN Internacional na Etiópia, em 1996, quando comparado com o de outros países da região?

- A O nível de intervenção foi comparativamente mais elevado na Etiópia.
- B O nível de intervenção foi comparativamente mais baixo na Etiópia.
- C Foi aproximadamente o mesmo que noutros países da região.
- D Foi comparativamente elevado na categoria Habitat e baixo noutras categorias.

PLAN INTERNACIONAL

R099Q04B- 0 1 2 3 9

Em 1996, a Etiópia era um dos países mais pobres do mundo.

Tomando em conta este facto e as informações do quadro, o que poderá explicar, na sua opinião, o nível de intervenção da PLAN Internacional na Etiópia, quando comparado com a sua intervenção noutros países?

.....
.....

Foi cometido um crime, mas o suspeito nega tudo. Afirmam não conhecer a vítima. Diz que nunca viu, nunca se aproximou dela, nunca lhe tocou... A polícia e o juiz estão convencidos de que ele não está a dizer a verdade. Mas como prová-lo?

No local do crime, os investigadores recolheram todos os indícios de prova imagináveis: fios de tecido, cabelos, impressões digitais, pontas de cigarro... Os cabelos encontrados no casaco da vítima são ruivos. E assemelham-se estranhamente aos do suspeito. Se se pudessem provar que esses cabelos são, de facto, dele, ter-se-ia a prova de que se encontrou realmente com a vítima.

Cada indivíduo é único

Os peritos deitam mãos à obra. Examinam algumas células da raiz desses cabelos e algumas células de sangue do suspeito. No núcleo de cada célula do nosso corpo existe ADN. De que se trata? O ADN é como um colar com duas fiadas de pérolas, enroladas uma na outra em

espiral. Imagine que essas pérolas são de quatro cores diferentes e que milhares de pérolas coloridas (que constituem um gene) estão enfiadas segundo uma ordem muito precisa. Em cada indivíduo, essa ordem é exactamente a mesma em todas as células do corpo: tanto nas das raízes do cabelo como nas do dedo grande do pé, nas do fígado e nas do estômago ou do sangue. Mas, de uma pessoa para outra, a ordem das pérolas varia. Dado o número de pérolas assim enfiadas, é mínima a hipótese de duas pessoas terem o mesmo ADN, à excepção dos gémeos verdadeiros. Único para cada indivíduo, o ADN é, pois, uma espécie de bilhete de identidade genético.

Assim, os geneticistas podem comparar o bilhete de identidade genético do suspeito (determinado

a partir do seu sangue) com o da pessoa do cabelo ruivo. Se for o mesmo bilhete de identidade genético, ficarão a saber que o suspeito se aproximou, efectivamente, da vítima que disse nunca ter visto.

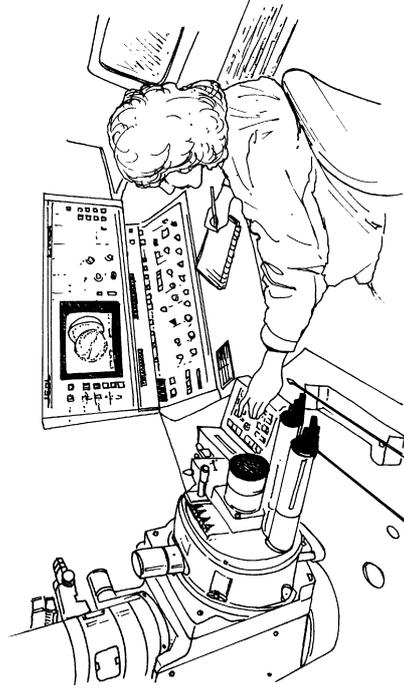
Apenas um elemento de prova

Em casos de agressão sexual, assassinio, roubo ou outros crimes, a polícia está a fazer cada vez mais análises genéticas. Porquê? Para tentar encontrar provas de contacto entre duas pessoas, dois objectos, ou entre uma pessoa e um objecto. Provar esse contacto é, com frequência, muito útil para a investigação. Mas não fornece necessariamente a prova de um crime. É apenas um elemento de prova entre muitos outros.

Anne Versailles

Somos constituídos por milhares de milhões de células

Cada ser vivo é constituído por inúmeras células. Uma célula é algo de infinitamente pequeno. Diz-se também microscópica, porque apenas a podemos ver com um microscópio que a aumenta muitas vezes. Cada célula possui uma membrana externa e um núcleo onde se encontra o ADN.



Microscópio num laboratório da polícia

O que é o bilhete de identidade genético?

O ADN é constituído por determinado número de genes, cada um deles composto por milhares de «pérolas». O conjunto dos genes forma o bilhete de identidade genético de uma pessoa.

Como se revela o bilhete de identidade genético?

O geneticista retira algumas células da base dos cabelos encontrados na vítima ou da saliva deixada numa ponta de cigarro. Põe-nas num produto que destrói tudo quanto rodeia o ADN dessas células. E faz o mesmo com algumas células de sangue do suspeito. O ADN é, então, especialmente preparado para análises. Depois disso, é colocado num gel especial, e faz-se passar uma corrente eléctrica através desse gel. Após algumas horas, aparecem riscas semelhantes a um código de barras (como os que figuram nos produtos que compramos), visíveis a uma luz especial. Compara-se, então, o código de barras do ADN do suspeito com o dos cabelos encontrados na vítima.

Fundamente-se no artigo de revista apresentado na página anterior, para responder às questões que se seguem.

POLÍCIA

R100Q04

Para explicar a estrutura do ADN, a autora fala de um colar de pérolas. Como variam esses colares de pérolas de um indivíduo para outro?

- A Variam em comprimento.
- B A ordem das pérolas é diferente.
- C O número de colares é diferente.
- D A cor das pérolas é diferente.

POLÍCIA

R100Q05

O texto da caixa intitulada «Como se revela o bilhete de identidade genético?» serve para explicar

- A o que é o ADN.
- B o que é um código de barras.
- C como se analisam células para encontrar o padrão do ADN.
- D como se pode provar que foi cometido um crime.

POLÍCIA

R100Q06

Qual o principal objectivo da autora?

- A Alertar
- B Divertir
- C Informar
- D Convencer

POLÍCIA

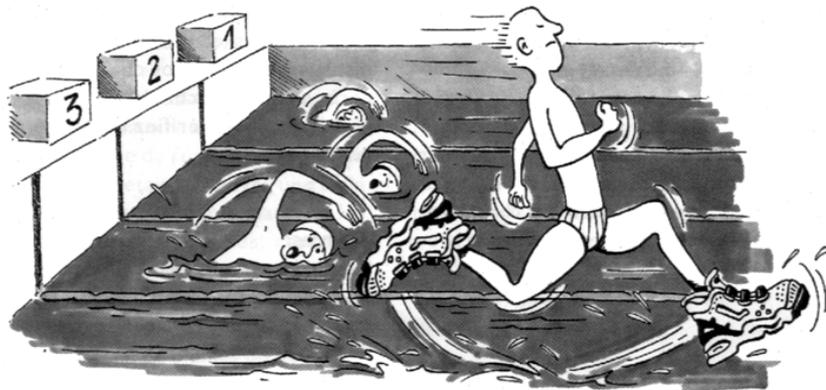
R100Q07

No final da introdução (a primeira área sombreada), pergunta-se: «Mas como prová-lo?».

De acordo com o texto, os investigadores tentam encontrar uma resposta a esta questão

- A interrogando testemunhas.
- B fazendo análises genéticas.
- C interrogando exaustivamente o suspeito.
- D examinando de novo todos os resultados da investigação

SINTA-SE BEM NOS SEUS TÊNIS



Durante 14 anos, o Centro de Medicina do Desporto de Lyon (França) estudou as lesões de jogadores jovens e de profissionais. O estudo mostrou que o melhor caminho é a prevenção... e bons sapatos.

Pancadas, quedas, desgaste e roturas...

Dezoito por cento dos jogadores entre os 8 e os 12 anos sofrem já de lesões no calcanhar. A cartilagem do tornozelo de um futebolista aguenta mal os choques, e 25% dos profissionais têm descoberto por si mesmos que esse é um ponto particularmente fraco. A cartilagem da delicada articulação do joelho pode também deteriorar-se irreversivelmente e, se não for tratada desde a infância (10-12 anos), pode ocorrer osteoartrite precoce. Além disso, a anca não é poupada e, sobretudo quando cansados, os jogadores arriscam-se a fazer fracturas, em consequência de quedas ou de colisões.

Segundo o estudo, os futebolistas que jogam há mais de dez anos têm protuberâncias ósseas na tíbia ou no calcanhar. É o

que se chama «*pé-de-futebolista*», uma deformação causada por solas e contrafortes demasiado flexíveis.

Proteger, sustentar, estabilizar, absorver

Demasiado rígidos, os sapatos limitam os movimentos. Demasiado flexíveis, aumentam o risco de lesões e de entorses. Uns bons sapatos de desporto devem obedecer a quatro critérios.

Em primeiro lugar, devem *proporcionar protecção exterior*: resistir às pancadas da bola ou de outro jogador, suportar as desigualdades do piso e manter os pés quentes e secos, mesmo com muito frio e chuva.

Devem *sustentar o pé* e, sobretudo, a articulação do tornozelo, a fim de evitar entorses, inflamações e outros problemas que podem afectar também o joelho.

Devem, igualmente, proporcionar boa *estabilidade* aos jogadores, para que estes não escorreguem em piso molhado, nem derrapem numa superfície demasiado seca.

Por fim, devem *absorver os choques*, sobretudo os que atingem os jogadores de voleibol e de basquetebol, que estão permanentemente a saltar.

Pés secos

Para se evitar males menores, mas dolorosos, como bolhas, fissuras ou pé-de-atleta (infecções micóticas), os sapatos devem permitir a evaporação da perspiração e impedir a penetração da humidade exterior. Para esse efeito, o material ideal é o cabedal, que pode ser impermeabilizado, a fim de impedir que os sapatos fiquem encharcados à primeira chuvada.

Utilize o artigo da página anterior para responder às questões que se seguem.

TÉNIS

R110Q01

Com este texto, o autor pretende mostrar que

- A a qualidade de muitos sapatos de desporto tem melhorado bastante.
- B é melhor não jogar futebol quando se tem menos de 12 anos de idade.
- C os jovens sofrem cada vez mais lesões por causa da sua má condição física.
- D é muito importante para os jogadores jovens usar bons sapatos de desporto.

TÉNIS

R110Q04- 0 1 9

De acordo com o artigo, por que não devem os sapatos de desporto ser demasiado rígidos?

.....

TÉNIS

R110Q05- 0 1 9

Numa passagem do artigo, diz-se: «Uns bons sapatos de desporto devem obedecer a quatro critérios.»

Quais são esses critérios?

.....

.....

.....

.....

Leia a frase extraída do final do artigo e aqui apresentada em duas partes:

«Para se evitar males menores, mas dolorosos, como bolhas, fissuras ou pé-de-atleta (infecções micóticas)...» *(primeira parte)*

«... os sapatos devem permitir a evaporação da perspiração e impedir a penetração da humidade exterior.» *(segunda parte)*

Qual é a relação entre a primeira e a segunda partes da frase?

A segunda parte

- A contradiz a primeira parte.
- B repete a primeira parte.
- C exemplifica o problema descrito na primeira parte.
- D dá a solução para o problema descrito na primeira parte.

A DÁDIVA

Quantos dias, perguntava-se ela, estivera assim sentada, vendo a água fria e castanha subindo pouco a pouco e fazendo aluir o outeiro? Mal se lembrava de quando tivera início a chuva, entrando no pântano vinda de sul e fustigando as paredes da casa. Depois, o rio começou a subir, lentamente no princípio, até que,
5 por fim, se deteve para regressar em força. De hora a hora, enchia riachos e valas e precipitava-se sobre as terras baixas. Durante a noite, enquanto ela dormia, inundou e cercou a estrada, deixando-a sentada e só, a barcaça desaparecida, a casa como um destroço, encalhada no outeiro. As águas chegavam já às pranchas betumadas dos esteios. E continuavam a subir.

10 Tão longe quanto a vista alcançava, até às copas das árvores onde antes estivera a outra margem, o pântano era um mar deserto, varrido por torrentes de chuva, o rio perdido algures na sua vastidão. A casa, com o seu casco de navio, fora construída precisamente para flutuar numa cheia como aquela, se alguma vez viesse, mas já era velha. Talvez as tábuas de baixo estivessem um tanto apodrecidas. Talvez o
15 cabo que amarrava a casa ao grande carvalho verde se soltasse, deixando-a ir na corrente, pelo mesmo caminho que a barcaça levaria.

Ninguém ia aparecer. Podia gritar, mas seria inútil, ninguém a ouviria. Por todo o lado, ao longo do pântano, outros lutavam para salvar o pouco que podiam, talvez mesmo as suas vidas. Tinha visto uma casa inteira ir na enxurrada, tão
20 silenciosamente que lhe lembrou um funeral. Pensou, quando a viu, que sabia de quem era aquela casa. Fora duro vê-la ser arrastada, mas os donos deviam ter-se refugiado nas terras altas. Mais tarde, com a chuva e a escuridão a intensificarem-se, ouviu gritar um puma a montante.

A casa parecia estremecer em torno dela como uma coisa viva. Esticou-se para apanhar o candeeiro, que caíra da mesa junto à cama, e pô-lo entre os pés para o
25 manter seguro. Então, rangendo e gemendo do esforço, a casa ergueu-se da terra argilosa e começou a flutuar, livre, dançando como uma rolha e rodando lentamente com o impulso do rio. Ela agarrou-se à borda da cama. Balançando de lado a lado, a casa deslocou-se ao longo da amarra. Houve um solavanco e uma queixa de
30 madeiras velhas, depois um silêncio. Devagar, a corrente libertou a casa e deixou-a voltar atrás, raspando o seu lugar de repouso. Ela conteve a respiração e ficou sentada muito tempo, a sentir os suaves movimentos oscilatórios. O escuro descia sobre a chuva incessante. Com a cabeça apoiada num braço, adormeceu agarrada à cama.

35 Durante a noite, o lamento acordou-a, um apelo tão angustiado que a fez levantar-se antes de estar desperta. Às escuras, tropeçou na cama. O som vinha lá de fora, dos lados do rio. Ouvia qualquer coisa a mexer-se, qualquer coisa grande que rangia e produzia um barulho de arrastar. Podia ser outra casa. Aquilo bateu contra a casa dela, não de frente, mas de lado, ao longo da parede. Era uma árvore.
40 Ouviu os ramos e as folhas soltarem-se e partirem rio abaixo, deixando apenas a chuva e o marulhar da cheia, sons que já se tinham tornado tão constantes que pareciam fazer parte do silêncio. Enrodilhada na cama, estava quase a adormecer de novo quando outro lamento soou, tão perto que podia vir de dentro do quarto. Com os olhos bem abertos, fixos na escuridão, chegou-se para trás na cama até
45 sentir na mão o contorno frio da espingarda. Depois, aninhou-se na almofada, com a arma entre os joelhos. «Quem está aí?», perguntou.

A resposta foi um novo lamento, mas menos penetrante, parecendo fatigado, seguido de um silêncio profundo. Voltou a aconchegar-se na cama. O que quer que fosse ouvia-se andar de um lado para o outro no alpendre. As pranchas do soalho
50 rangiam, e ouvia o barulho de objectos a serem deitados abaixo. Um arranhar na parede, como que tentando rasgar uma entrada. Soube então o que era: um grande

felino, depositado pela árvore arrancada que tinha passado por ali. Viera com a cheia: uma dádiva.

55 Inconscientemente, passou a mão pelo rosto e pela garganta contraída. A
espingarda tremeu-lhe nos joelhos. Nunca vira um puma na vida. Já tinha ouvido
falar neles e ouvido ao longe o seu lamento, arrastado e sofrido. Estava outra vez a
arranhar a parede, fazendo abanar a janela junto à porta. Enquanto vigiasse a janela
e mantivesse o felino confinado entre a parede e a água, estaria em segurança. Lá
60 fora, o animal deteve-se para afiar as garras no mosquiteiro enferrujado. De tempos
a tempos, choramingava e rugia.

Quando, enfim, a luz se filtrou através da chuva, chegando como outra escuridão,
ela estava ainda sentada na cama, hirta e gelada; os braços, habituados a remar no
rio, doridos após a imobilidade prolongada a segurar a arma. Mal ousara mexer-se,
com medo de que qualquer ruído despertasse a atenção do puma. Petrificada,
65 balançava ao ritmo da casa. Continuava a chover, como se não fosse parar nunca.
Através da luz parda, conseguiu finalmente ver as águas da cheia picadas pela
chuva e, na distância, a forma vaga de copas de árvores submersas. O animal não
se mexia. Talvez tivesse partido. Largando a arma, saiu da cama e foi em silêncio
até à janela. O puma ainda lá estava, aninhado à beira do alpendre, a estudar o
70 carvalho verde, ancoradouro da casa, como se avaliasse as hipóteses de saltar para
uma ramagem saliente. Não parecia tão aterrador como ela imaginara, o pêlo
espesso encrespado em remoinhos, os flancos cavados e as costelas à vista. Seria
fácil acertar-lhe, sentado onde estava, com a longa cauda a varrer o chão. Ia buscar
a espingarda, quando ele se voltou. Inesperadamente, sem tomar balanço nem
75 retesar os músculos, saltou para a janela, estilhaçando um vidro. Ela caiu para trás,
sufocando um grito e, pegando na espingarda, disparou pela janela. Embora já não
visse o puma, soube que tinha falhado o tiro, pois ouviu-o de novo a andar de um
lado para o outro. Conseguia ver-lhe de relance a cabeça e a curvatura do dorso, de
cada vez que ele passava sob a janela.

80 A tremer, arrastou-se até à cama e deitou-se. O murmúrio embalador e contínuo
do rio e da chuva, o frio cortante amoleceram-lhe a determinação. Perscrutou a
janela e preparou a arma. Após uma longa espera, levantou-se para ir ver. O felino
adormecera, a cabeça entre as patas como um gatinho. Pela primeira vez desde que
começara a chover, sentiu vontade de chorar, por si mesma, por todas as pessoas,
85 por tudo o que a cheia tocara. Deixando-se escorregar na cama, embrulhou-se na
colcha. Devia ter-se ido embora enquanto podia, na altura em que as estradas ainda
estavam abertas ou antes de a barcaça ter desaparecido no rio. Balouçava para trás
e para diante com a casa, quando uma violenta dor no estômago lhe recordou que
estava sem comer, não se lembrava desde quando. Como o puma, estava
90 esfomeada. Correu para a cozinha e acendeu o lume com os poucos gravetos que
ainda tinha. Se a cheia persistisse, teria de queimar a cadeira, e talvez também a
mesa. Tirando o resto de um presunto fumado que pendia do tecto, cortou grossas
fatias da carne vermelho-acastanhada e pô-las numa caçarola. O cheiro da carne a
fritar provocou-lhe tonturas. Tinham sobrado biscoitos duros, da última vez que
95 cozinhou, e podia fazer café. Água não faltava.

Enquanto preparava a comida, quase se esqueceu do animal, até que o ouviu
gemer. Também tinha fome. «Deixa-me comer», disse ela, «e logo trato de ti». E riu
baixinho. Quando estava a pendurar no gancho o resto do presunto, o animal emitiu
um rugido tão profundo e intenso que lhe fez tremer a mão.

100 Depois de comer, foi à cama buscar a espingarda. A casa subira tanto que já não
raspava o outeiro, quando as águas do rio a faziam oscilar. A comida tinha-a
animado. Podia livrar-se do puma enquanto a luz continuasse a trespassar a cortina
de chuva. Deslizou devagar até à janela. Ainda lá estava, miando, e recomeçou a ir

105 e vir no alpendre. Fixou-o demoradamente, sem medo. Depois, sem pensar no que
fazia, largou a espingarda e contornou a cama para chegar à cozinha. Atrás dela, o
puma agitava-se, inquieto. Tirou do gancho o resto do presunto, atravessou o chão
movediço até à janela e empurrou-o pelo caixilho do vidro partido. Do lado de lá, um
rosnido esfaimado, e foi como se uma espécie de choque passasse do animal para
110 ela. Atordoada do que acabava de fazer, voltou para a cama. Ouvia o ruído do puma
a despedaçar a carne. A casa girou em torno dela.

Quando de novo acordou, soube imediatamente que tudo mudara. A chuva tinha
parado. Perscrutou o movimento da casa, mas esta já não flutuava na cheia. Abriu a
porta e viu, através do mosquitoireiro desfeito, um mundo diferente. A casa repousava
sobre o outeiro onde sempre estivera. Uns passos mais abaixo, o rio ainda corria em
115 torrente, mas já não cobria o curto espaço entre a casa e o carvalho verde. E o
puma tinha partido. Pelo caminho que levava do alpendre ao carvalho verde e
certamente ao pântano, viam-se pegadas indistintas e já a desaparecerem na terra
lamacenta. E no alpendre, branco de tão roído, estava o resto do presunto.

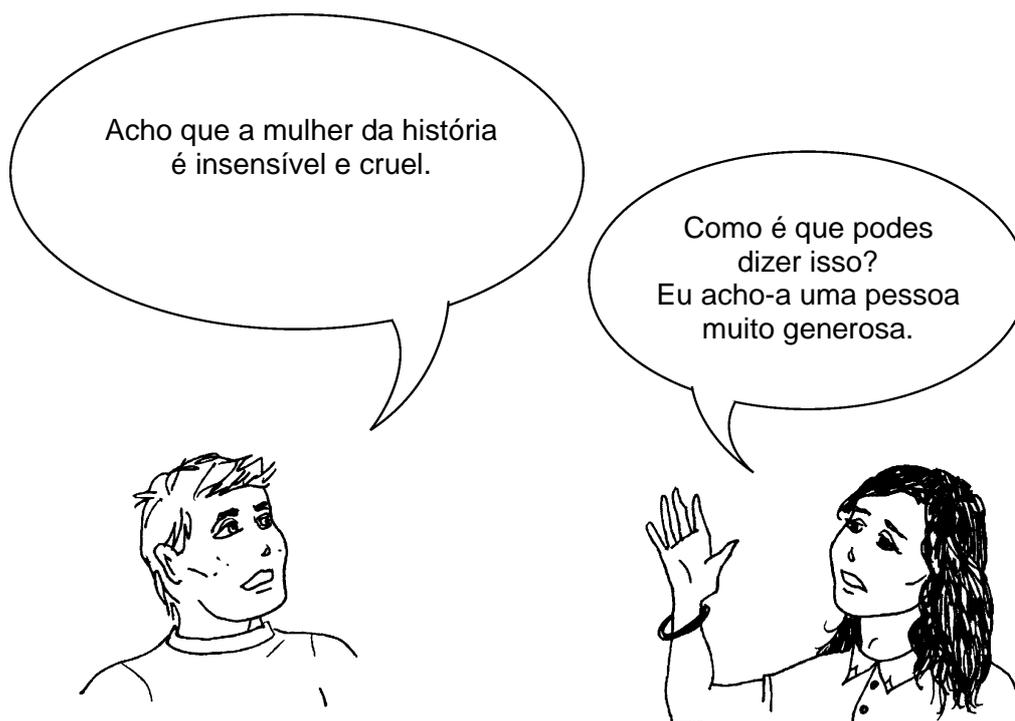
Fundamente-se na história «A Dádiva», apresentada nas três páginas anteriores, para responder às questões que se seguem. (Note que, nas margens do texto, são fornecidos os números das linhas para o ajudarem a encontrar as passagens referidas em algumas questões.)

DÁDIVA

R119Q09A- 0 1 9

R119Q09B- 0 1 9

Dois leitores de *A Dádiva* estão a conversar sobre a história.



Refira elementos da história que cada um destes interlocutores possa usar como justificação do seu ponto de vista.

Interlocutor 1

.....

Interlocutor 2

.....

DÁDIVA

R119Q01

Qual é a situação da mulher no início da história?

- A Está demasiado fraca para sair de casa, depois de dias sem comer.
- B Tem de se defender de um animal selvagem.
- C A sua casa está cercada pela cheia.
- D O rio transbordou e levou-lhe a casa.

DÁDIVA

R119Q07- 0 1 2 3 9

Algumas das primeiras referências ao puma nesta história são:

«o lamento acordou-a, um apelo tão angustiado [...]» (linha 35);

«A resposta foi um novo lamento, mas menos penetrante, parecendo fatigado [...]» (linha 47);

«Já tinha [...] ouvido ao longe o seu lamento, arrastado e sofrido.» (linhas 55-56).

Tendo em conta o que acontece no resto da história, por que escolheu o autor estas expressões para introduzir o puma?

.....

.....

.....

.....

DÁDIVA

R119Q06

«Então, rangendo e gemendo do esforço, a casa ergueu-se [...]» (linha 26)

Que aconteceu à casa neste momento da história?

- A Desmoronou-se.
- B Começou a flutuar.
- C Chocou contra o carvalho.
- D Afundou-se no rio.

DÁDIVA

R119Q08- 0 1 2 9

De acordo com o que o texto sugere, que razão terá levado a mulher a dar de comer ao puma?

.....

.....

.....

.....

DÁDIVA

R119Q04

Quando a mulher diz «e logo trato de ti» (linha 97), quer dizer que

- A está certa de que o puma não lhe fará mal.
- B está a tentar assustar o puma.
- C tenciona matar o puma.
- D pensa dar de comer ao puma.

DÁDIVA

R119Q05- 0 1 2 3 9

Pensa que a última frase de *A Dádiva* é um final apropriado?

Justifique a sua resposta, mostrando como interpreta a relação da última frase com o significado da história.

.....

.....

.....

.....

Nas duas páginas seguintes, irá encontrar dois textos. O Texto 1 é um excerto da peça de teatro Leocádia, de Jean Anouilh; o Texto 2 define algumas profissões ligadas ao teatro. Fundamente-se nesses textos para responder às questões apresentadas.

TEXTO 1

AMANDA E A DUQUESA

Resumo. Desde a morte de Leocádia, o Príncipe, que estava apaixonado por ela, está inconsolável. Numa loja chamada Réséda Sœurs, a Duquesa, tia do Príncipe, conheceu uma jovem empregada de balcão, Amanda, cuja aparência com Leocádia é assombrosa. A Duquesa quer que Amanda a ajude a libertar o Príncipe das recordações que o perseguem.

Uma encruzilhada no parque do castelo, um banco circular em torno de um pequeno obelisco... anoitece...

AMANDA

Continuo a não entender. Que posso eu fazer por ele, minha senhora? Não me atrevo a acreditar que tenha pensado... E porquê eu? Não sou particularmente bonita. E depois, ainda que muito bonita – quem poderia insinuar-se assim de súbito entre ele e a sua recordação?

DUQUESA

Ninguém senão a menina.

AMANDA, *sinceramente surpreendida.*
Senão eu?

DUQUESA

Minha filha, o mundo é tão insensato, só vê paradas, poses, insígnias... Ainda que nunca lho tenham dito. Mas o meu coração a mim não me enganou – por pouco não gritei quando a vi pela primeira vez na Réséda Sœurs. Para quem conheceu dela mais do que a aparência, a menina é o retrato vivo de Leocádia.

Silêncio. As aves da noite tomaram agora o lugar das aves da tarde. O parque está povoado de sombras e de murmúrios.

AMANDA, *muito suavemente.*
Mesmo assim, não creio que possa, minha senhora. Eu não tenho nada, não sou nada, mas esses amantes... Era o meu ideal, compreende?

Ergueu-se como para se despedir, pegou na maleta.

DUQUESA, *também suavemente e muito abatida.*
Claro, minha querida. Peço-lhe que me perdoe.

Ergue-se por sua vez, penosamente, como uma velha. Ouve-se uma campainha de bicicleta na noite. Estremece.

Oiça... É ele! Mostre-se apenas encostada a este pequeno obelisco, onde ele viu Léocadia pela primeira vez. Que ele a veja, nem que seja por um só momento, que grite qualquer coisa, que se interesse subitamente por esta aparência, por este estratagemas que amanhã lhe confessarei e pelo qual irá detestar-me – por outra coisa que não essa morta que vai arrebatá-lo, tenho a certeza, um destes dias... (Agarrou-lhe o braço.) Faz-me isso, não faz? É com toda a humildade que lho peço, menina. (Olha para ela, suplicante, e acrescenta rapidamente:) E depois, assim, vê-lo-á também. E... sinto-me corar de novo ao dizer-lhe isto – a vida é mesmo louca! É a terceira vez em sessenta anos, e a segunda vez nos últimos dez minutos – vê-lo-á e se um dia – por que não ele, se é belo, encantador e já houve outros antes? – se um dia ele pudesse ter a felicidade, para ele e para mim, de ser por um instante – o seu ideal... (A campainha ainda no escuro, mas agora muito perto.)

AMANDA, *num suspiro*
Que devo dizer-lhe?

DUQUESA, *apertando-lhe o braço.*
Diga-lhe simplesmente: «O senhor desculpe, podia indicar-me o caminho para o mar?»

Correu a refugiar-se na escuridão mais profunda das árvores. Mesmo a tempo. Um vulto, é o Príncipe de bicicleta, passa muito perto do vulto que é Amanda encostada ao obelisco. Ela murmura.

AMANDA
O senhor desculpe...

Ele pára, desce da bicicleta, tira o chapéu, olha para ela.

PRÍNCIPE

Sim?

AMANDA

Podia indicar-me o caminho para o mar?

PRÍNCIPE

É o segundo à sua esquerda, menina.

Despede-se, triste e cortês, volta a montar no velocípede e afasta-se. Ouve-se a campainha mais longe. A Duquesa sai do escuro toda envelhecida.

AMANDA, *suavemente, após uma pausa.*

Não me reconheceu...

DUQUESA

Estava muito escuro... E depois, quem sabe que rosto dá ele agora à morta, no seu sonho? (*Pergunta timidamente:*) Já não tem comboio hoje, menina. Não quer passar a noite no castelo?

AMANDA, *numa voz estranha.*

Sim, minha senhora.

É noite fechada. Já não se distinguem as duas no escuro, só se ouve o vento nas árvores enormes do parque.

CAI O PANO

TEXTO 2

DEFINIÇÕES DE ALGUMAS PROFISSÕES LIGADAS AO TEATRO

Actor: representa, em palco, uma personagem.

Encenador: coordena e supervisiona todos os aspectos do espectáculo. Além de determinar os lugares dos actores no palco, as suas entradas e saídas, também dirige a representação de cada um e indica como o texto deve ser interpretado.

Costureiros: executam o guarda-roupa, a partir de figurinos.

Cenógrafo: desenha os modelos dos cenários e do guarda-roupa. Esses modelos são depois executados, em tamanho natural, no *atelier*.

Aderecista: encarrega-se dos adereços. A palavra «adereços» designa os objectos que podem ser transportados: cadeirões, cartas, candeeiros, ramos de flores... Os cenários e o guarda-roupa não são adereços.

Sonoplasta: encarrega-se de todos os efeitos sonoros. Durante o espectáculo, está na *régie*.

Luminotécnico: encarrega-se da iluminação. Também está na *régie* durante o espectáculo. A iluminação é de tal modo sofisticada que um teatro bem equipado pode empregar mais de dez luminotécnicos.

AMANDA E A DUQUESA

R216Q01

De que trata este excerto da peça?

A Duquesa pensa num truque para que

- A o Príncipe passe a ir visitá-la com mais frequência.
- B o Príncipe se decida finalmente a casar.
- C Amanda faça o Príncipe esquecer o seu desgosto.
- D Amanda vá viver com ela no castelo.

AMANDA E A DUQUESA

R216Q02- 0 1 9

No texto da peça, para além das falas dos actores, existem indicações destinadas aos actores e aos técnicos de teatro.

Como podem essas indicações ser reconhecidas no texto?

.....

AMANDA E A DUQUESA

R216Q03A- 0 1 9

R216Q03B- 0 1 9

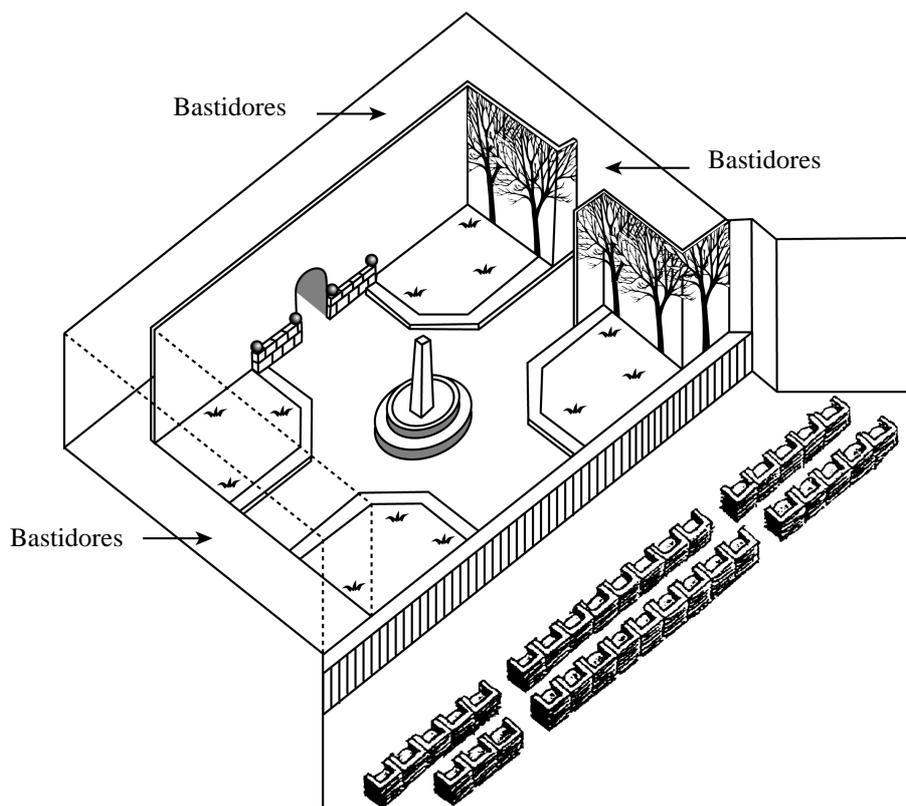
R216Q03C- 0 1 9

O quadro que se segue inclui uma lista de técnicos de teatro envolvidos na encenação deste excerto de *Leocádia*. Complete o quadro, de acordo com o exemplo, transcrevendo, para cada técnico, uma indicação cénica do TEXTO 1 que implique a sua intervenção.

Técnicos de teatro	Indicações cénicas
Cenógrafo	um banco circular em torno de um pequeno obelisco
Aderecista	
Sonoplasta	
Luminotécnico	

O encenador posiciona os actores no palco. Num desenho, o encenador representa Amanda pela letra A e a Duquesa pela letra D.

Escreva um A e um D no desenho que se segue, para mostrar aproximadamente onde estão Amanda e a Duquesa quando o Príncipe chega.



Perto do final do excerto da peça, Amanda diz: «Não me reconheceu...»

Que quer ela dizer com isto?

- A O Príncipe não olhou para Amanda.
- B O Príncipe não percebeu que Amanda era uma empregada de balcão.
- C O Príncipe não percebeu que já conhecia Amanda.
- D O Príncipe não reparou que Amanda era parecida com Leocádia.

Centro DE MOBILIDADE INTERNA E EXTERNA

O que é o CMIE?

CMIE significa Centro de Mobilidade Interna e Externa, uma iniciativa do departamento de recursos humanos. Vários trabalhadores deste departamento trabalham no CMIE, juntamente com membros de outros departamentos e consultores externos.

O CMIE está disponível para ajudar os empregados que procuram outro posto de trabalho dentro ou fora da Companhia Industrial Canco.

O que faz o CMIE?

O CMIE dá apoio aos empregados que estão a considerar seriamente uma mudança de emprego, através das seguintes iniciativas:

- ***Banco de dados de emprego***

Depois de uma entrevista com o empregado, as informações são introduzidas num banco de dados que cruza os dados sobre as pessoas que andam à procura de emprego com os da oferta de emprego existente na Canco e noutras companhias industriais.

- ***Orientação***

O potencial do empregado é analisado através de conversas de aconselhamento profissional.

- ***Cursos***

Estão a organizar-se cursos (em colaboração com o departamento de informação e formação) sobre a procura de emprego e o planeamento das carreiras profissionais.

- ***Projectos de mudança de carreira***

O CMIE apoia e coordena projectos destinados a ajudar os empregados a prepararem-se para novas carreiras e novas perspectivas.

- ***Mediação***

O CMIE age como mediador dos empregados em risco de despedimento,

devido a reestruturações, e auxilia-os a encontrar novos postos de trabalho em caso de necessidade.

Quanto custam os serviços do CMIE?

O pagamento é definido após consulta ao departamento onde você trabalha. Vários serviços do CMIE são gratuitos. Pode igualmente ser-lhe pedido que pague em dinheiro ou em tempo de trabalho.

Como funciona o CMIE?

O CMIE ajuda os empregados que estão a pensar seriamente numa mudança profissional, dentro ou fora da empresa.

O processo inicia-se com a apresentação de uma candidatura. Uma conversa com um conselheiro de recursos humanos pode ser igualmente útil. É evidente que deve falar previamente com o conselheiro sobre os seus desejos e as possibilidades internas de carreira. O conselheiro conhece as suas competências e a situação existente no seu local de trabalho.

Em qualquer dos casos, o contacto com o CMIE é feito através do conselheiro de recursos humanos. Este encarrega-se de encaminhar a sua candidatura, e você será posteriormente convidado para uma conversa com um representante do CMIE.

Para mais informações

O departamento de recursos humanos poderá dar-lhe mais informações.

Utilize o anúncio de um departamento de recursos humanos, apresentado na página anterior, para responder às questões que se seguem.

RECURSOS HUMANOS

R234Q01- 0 1 9

De acordo com o anúncio, onde poderá obter mais informações sobre o CMIE?

.....

RECURSOS HUMANOS

R234Q02- 0 1 9

Indique duas formas de ajuda prestada pelo CMIE às pessoas em vias de perderem o emprego, devido a reestruturações departamentais.

.....

.....

Tecnologia cria necessidade de novas regras

A CIÊNCIA tende a antecipar-se ao direito e à ética. Foi o que aconteceu dramaticamente, em 1945, no aspecto destrutivo da vida, com a bomba atómica, e acontece, no aspecto criativo, com as técnicas para superar a infertilidade humana.

A maioria de nós rejubilou com a família Brown, na Inglaterra, quando nasceu Louise, o primeiro bebé-proveta. E maravilhámo-nos com outras inovações, a mais recente das quais é o nascimento de bebés saudáveis, a partir de embriões congelados até ao momento propício para serem implantados na futura mãe.

Foi a respeito de dois desses embriões congelados que se desencadeou, na Austrália, uma tempestade de questões jurídicas e éticas. Os embriões destinavam-se a ser implantados em Elsa Rios, mulher de Mario Rios. Uma tentativa de implantação anterior fora mal sucedida e ambos queriam ter outra oportunidade de serem pais. Mas, antes de surgir a segunda oportunidade, pereceram num acidente de avião.

Que deveria o hospital australiano fazer com os embriões congelados? Poderiam ser implantados noutra mulher? As voluntárias eram numerosas. Teriam os embriões direito à substancial fortuna de Elsa e Mario Rios? Ou deveriam ser destruídos? O casal Rios, como se compreende, não tomara quaisquer medidas relativamente ao futuro dos embriões.

Os australianos constituíram uma comissão para estudar o problema. Na semana passada, a comissão apresentou o seu relatório. Os embriões deveriam ser descongelados, segundo a comissão, porque a doação dos embriões a outra pessoa exigiria o consentimento dos «produtores», e tal consentimento não fora dado. A comissão considerou também que os embriões, no seu estado actual, não tinham vida nem direitos, podendo, por conseguinte, ser destruídos.

Os membros da comissão tinham consciência de estarem a pisar um terreno legal e eticamente movediço. Por isso, exigiram três meses para que a opinião pública reagisse à sua recomendação. Se houvesse um protesto avassalador contra a destruição dos embriões, a comissão reconsideraria.

Os casais que actualmente se inscrevem nos programas de fertilização *in vitro* do Hospital Queen Victoria, de Sydney, têm de especificar o que, caso lhes aconteça alguma coisa, deve ser feito com os embriões, o que garante que não

voltará a repetir-se uma situação semelhante à do casal Rios.

Mas que fazer relativamente a outras questões complexas? Em França, uma mulher teve de ir recentemente a tribunal para lhe permitirem ter um filho, a partir do esperma congelado do marido morto. Como deve ser tratado semelhante pedido? Que fazer se uma mãe substituta quebrar o contrato e se recusar a entregar a criança que prometera gerar para outra pessoa?

A sociedade não tem conseguido, até à data, estabelecer regras capazes de limitar o potencial destrutivo da energia atómica. Estamos a colher o resultado assustador desse processo. São inúmeras as possibilidades de abuso da capacidade de os cientistas adiantarem ou retardarem a procriação. Têm de ser fixadas fronteiras éticas e legais antes que vamos demasiado longe.

Utilize o editorial jornalístico «Tecnologia cria necessidade de novas regras», apresentado na página anterior, para responder às questões abaixo.

NOVAS REGRAS

R236Q01- 0 1 9

Sublinhe a frase que explica o que fizeram os australianos para decidirem como lidar com os embriões congelados pertencentes ao casal morto num acidente de avião.

NOVAS REGRAS

R236Q02- 0 1 2 9

Mencione dois exemplos do editorial que mostrem de que modo a tecnologia moderna, como a que é usada para implantar embriões congelados, cria a necessidade de novas regras.

.....

.....

ANEXO B
**Tabelas correspondentes aos desempenhos médios em literacia de
leitura, matemática e científica**

Table 2.3a

Variation in student performance on the combined reading literacy scale

Country	Mean		Standard deviation		Percentiles											
	Mean score	S.E.	S.D.	S.E.	5th		10th		25th		75th		90th		95th	
					Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.
OECD Countries																
Australia	528	(3,5)	102	(1,6)	354	(4,8)	394	(4,4)	458	(4,4)	602	(4,6)	656	(4,2)	685	(4,5)
Austria	507	(2,4)	93	(1,6)	341	(5,4)	383	(4,2)	447	(2,8)	573	(3,0)	621	(3,2)	648	(3,7)
Belgium	507	(3,6)	107	(2,4)	308	(10,3)	354	(8,9)	437	(6,6)	587	(2,3)	634	(2,5)	659	(2,4)
Canada	534	(1,6)	95	(1,1)	371	(3,8)	410	(2,4)	472	(2,0)	600	(1,5)	652	(1,9)	681	(2,7)
Czech Republic	492	(2,4)	96	(1,9)	320	(7,9)	368	(4,9)	433	(2,8)	557	(2,9)	610	(3,2)	638	(3,6)
Denmark	497	(2,4)	98	(1,8)	326	(6,2)	367	(5,0)	434	(3,3)	566	(2,7)	617	(2,9)	645	(3,6)
Finland	546	(2,6)	89	(2,6)	390	(5,8)	429	(5,1)	492	(2,9)	608	(2,6)	654	(2,8)	681	(3,4)
France	505	(2,7)	92	(1,7)	344	(6,2)	381	(5,2)	444	(4,5)	570	(2,4)	619	(2,9)	645	(3,7)
Germany	484	(2,5)	111	(1,9)	284	(9,4)	335	(6,3)	417	(4,6)	563	(3,1)	619	(2,8)	650	(3,2)
Greece	474	(5,0)	97	(2,7)	305	(8,2)	342	(8,4)	409	(7,4)	543	(4,5)	595	(5,1)	625	(6,0)
Hungary	480	(4,0)	94	(2,1)	320	(5,6)	354	(5,5)	414	(5,3)	549	(4,5)	598	(4,4)	626	(5,5)
Iceland	507	(1,5)	92	(1,4)	345	(5,0)	383	(3,6)	447	(3,1)	573	(2,2)	621	(3,5)	647	(3,7)
Ireland	527	(3,2)	94	(1,7)	360	(6,3)	401	(6,4)	468	(4,3)	593	(3,6)	641	(4,0)	669	(3,4)
Italy	487	(2,9)	91	(2,7)	331	(8,5)	368	(5,8)	429	(4,1)	552	(3,2)	601	(2,7)	627	(3,1)
Japan	522	(5,2)	86	(3,0)	366	(11,4)	407	(9,8)	471	(7,0)	582	(4,4)	625	(4,6)	650	(4,3)
Korea	525	(2,4)	70	(1,6)	402	(5,2)	433	(4,4)	481	(2,9)	574	(2,6)	608	(2,9)	629	(3,2)
Luxembourg	441	(1,6)	100	(1,5)	267	(5,1)	311	(4,4)	378	(2,8)	513	(2,0)	564	(2,8)	592	(3,5)
Mexico	422	(3,3)	86	(2,1)	284	(4,4)	311	(3,4)	360	(3,6)	482	(4,8)	535	(5,5)	565	(6,3)
New Zealand	529	(2,8)	108	(2,0)	337	(7,4)	382	(5,2)	459	(4,1)	606	(3,0)	661	(4,4)	693	(6,1)
Norway	505	(2,8)	104	(1,7)	320	(5,9)	364	(5,5)	440	(4,5)	579	(2,7)	631	(3,1)	660	(4,6)
Poland	479	(4,5)	100	(3,1)	304	(8,7)	343	(6,8)	414	(5,8)	551	(6,0)	603	(6,6)	631	(6,0)
Portugal	470	(4,5)	97	(1,8)	300	(6,2)	337	(6,2)	403	(6,4)	541	(4,5)	592	(4,2)	620	(3,9)
Spain	493	(2,7)	85	(1,2)	344	(5,8)	379	(5,0)	436	(4,6)	553	(2,6)	597	(2,6)	620	(2,9)
Sweden	516	(2,2)	92	(1,2)	354	(4,5)	392	(4,0)	456	(3,1)	581	(3,1)	630	(2,9)	658	(3,1)
Switzerland	494	(4,3)	102	(2,0)	316	(5,5)	355	(5,8)	426	(5,5)	567	(4,7)	621	(5,5)	651	(5,3)
United Kingdom	523	(2,6)	100	(1,5)	352	(4,9)	391	(4,1)	458	(2,8)	595	(3,5)	651	(4,3)	682	(4,9)
United States	504	(7,1)	105	(2,7)	320	(11,7)	363	(11,4)	436	(8,8)	577	(6,8)	636	(6,5)	669	(6,8)
OECD total	499	(2,0)	100	(0,8)	322	(3,4)	363	(3,3)	433	(2,5)	569	(1,6)	622	(2,0)	653	(2,1)
OECD average	500	(0,6)	100	(0,4)	324	(1,3)	366	(1,1)	435	(1,0)	571	(0,7)	623	(0,8)	652	(0,8)
Non-OECD Countries																
Brazil	396	(3,1)	86	(1,9)	255	(5,0)	288	(4,5)	339	(3,4)	452	(3,4)	507	(4,2)	539	(5,5)
Latvia	458	(5,3)	102	(2,3)	283	(9,7)	322	(8,2)	390	(6,9)	530	(5,3)	586	(5,8)	617	(6,6)
Liechtenstein	483	(4,1)	96	(3,9)	310	(15,9)	350	(11,8)	419	(9,4)	551	(5,8)	601	(7,1)	626	(8,2)
Russian Federation	462	(4,2)	92	(1,8)	306	(6,9)	340	(5,4)	400	(5,1)	526	(4,5)	579	(4,4)	608	(5,3)

Table 3.1

Variation in student performance on the mathematical literacy scale

Country	Mean		Standard deviation		Percentiles											
	Mean score	S.E.	S.D.	S.E.	5th		10th		25th		75th		90th		95th	
					Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.
OECD Countries																
Australia	533	(3,5)	90	(1,6)	380	(6,4)	418	(6,4)	474	(4,4)	594	(4,5)	647	(5,7)	679	(5,8)
Austria	515	(2,5)	92	(1,7)	355	(5,3)	392	(4,6)	455	(3,5)	581	(3,8)	631	(3,6)	661	(5,2)
Belgium	520	(3,9)	106	(2,9)	322	(11,0)	367	(8,6)	453	(6,5)	597	(3,0)	646	(3,9)	672	(3,5)
Canada	533	(1,4)	85	(1,1)	390	(3,2)	423	(2,5)	477	(2,0)	592	(1,7)	640	(1,9)	668	(2,6)
Czech Republic	498	(2,8)	96	(1,9)	335	(5,4)	372	(4,2)	433	(4,1)	564	(3,9)	623	(4,8)	655	(5,6)
Denmark	514	(2,4)	87	(1,7)	366	(6,1)	401	(5,1)	458	(3,1)	575	(3,1)	621	(3,7)	649	(4,6)
Finland	536	(2,2)	80	(1,4)	400	(6,5)	433	(3,6)	484	(4,1)	592	(2,5)	637	(3,2)	664	(3,5)
France	517	(2,7)	89	(1,9)	364	(6,4)	399	(5,4)	457	(4,7)	581	(3,1)	629	(3,2)	656	(4,6)
Germany	490	(2,5)	103	(2,4)	311	(7,9)	349	(6,9)	423	(3,9)	563	(2,7)	619	(3,6)	649	(3,9)
Greece	447	(5,6)	108	(2,9)	260	(9,0)	303	(8,1)	375	(8,1)	524	(6,7)	586	(7,8)	617	(8,6)
Hungary	488	(4,0)	98	(2,4)	327	(7,1)	360	(5,7)	419	(4,8)	558	(5,2)	615	(6,4)	648	(6,9)
Iceland	514	(2,3)	85	(1,4)	372	(5,7)	407	(4,7)	459	(3,5)	572	(3,0)	622	(3,1)	649	(5,5)
Ireland	503	(2,7)	84	(1,8)	357	(6,4)	394	(4,7)	449	(4,1)	561	(3,6)	606	(4,3)	630	(5,0)
Italy	457	(2,9)	90	(2,4)	301	(8,4)	338	(5,5)	398	(3,5)	520	(3,5)	570	(4,4)	600	(6,1)
Japan	557	(5,5)	87	(3,1)	402	(11,2)	440	(9,1)	504	(7,4)	617	(5,2)	662	(4,9)	688	(6,1)
Korea	547	(2,8)	84	(2,0)	400	(6,1)	438	(5,0)	493	(4,2)	606	(3,4)	650	(4,3)	676	(5,3)
Luxembourg	446	(2,0)	93	(1,8)	281	(7,4)	328	(4,2)	390	(3,8)	509	(3,4)	559	(3,2)	588	(3,9)
Mexico	387	(3,4)	83	(1,9)	254	(5,5)	281	(3,6)	329	(4,1)	445	(5,2)	496	(5,6)	527	(6,6)
New Zealand	537	(3,1)	99	(1,9)	364	(6,1)	405	(5,4)	472	(3,9)	607	(4,0)	659	(4,2)	689	(5,2)
Norway	499	(2,8)	92	(1,7)	340	(7,0)	379	(5,2)	439	(4,0)	565	(3,9)	613	(4,5)	643	(4,5)
Poland	470	(5,5)	103	(3,8)	296	(12,2)	335	(9,2)	402	(7,0)	542	(6,8)	599	(7,7)	632	(8,5)
Portugal	454	(4,1)	91	(1,8)	297	(7,3)	332	(6,1)	392	(5,7)	520	(4,3)	570	(4,3)	596	(5,0)
Spain	476	(3,1)	91	(1,5)	323	(5,8)	358	(4,3)	416	(5,3)	540	(4,0)	592	(3,9)	621	(3,1)
Sweden	510	(2,5)	93	(1,6)	347	(5,8)	386	(4,0)	450	(3,3)	574	(2,6)	626	(3,3)	656	(5,5)
Switzerland	529	(4,4)	100	(2,2)	353	(9,1)	398	(6,0)	466	(4,8)	601	(5,2)	653	(5,8)	682	(4,8)
United Kingdom	529	(2,5)	92	(1,6)	374	(5,9)	412	(3,6)	470	(3,2)	592	(3,2)	646	(4,3)	676	(5,9)
United States	493	(7,6)	98	(2,4)	327	(11,7)	361	(9,6)	427	(9,7)	562	(7,5)	620	(7,7)	652	(7,9)
OECD total	498	(2,1)	103	(0,9)	318	(3,1)	358	(3,4)	429	(3,0)	572	(2,1)	628	(1,9)	658	(2,1)
OECD average	500	(0,7)	100	(0,4)	326	(1,5)	367	(1,4)	435	(1,1)	571	(0,8)	625	(0,9)	655	(1,1)
Non-OECD Countries																
Brazil	334	(3,7)	97	(2,3)	179	(5,5)	212	(5,2)	266	(4,2)	399	(5,5)	464	(7,5)	499	(8,9)
Latvia	463	(4,5)	103	(2,6)	288	(9,0)	328	(8,9)	393	(5,7)	536	(6,2)	593	(5,6)	625	(6,6)
Liechtenstein	514	(7,0)	96	(6,0)	343	(19,7)	380	(18,9)	454	(15,5)	579	(7,5)	635	(16,9)	665	(15,0)
Russian Federation	478	(5,5)	104	(2,5)	305	(9,0)	343	(7,4)	407	(6,6)	552	(6,6)	613	(6,8)	648	(7,8)

Table 3.3

Variation in student performance on the scientific literacy scale

Country	Mean		Standard deviation		Percentiles											
	Mean score	S.E.	S.D.	S.E.	5th		10th		25th		75th		90th		95th	
					Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.	Score	S.E.
OECD Countries																
Australia	528	(3,5)	94	(1,6)	368	(5,1)	402	(4,7)	463	(4,6)	596	(4,8)	646	(5,1)	675	(4,8)
Austria	519	(2,6)	91	(1,7)	363	(5,7)	398	(4,0)	456	(3,8)	584	(3,5)	633	(4,1)	659	(4,3)
Belgium	496	(4,3)	111	(3,8)	292	(13,5)	346	(10,2)	424	(6,6)	577	(3,5)	630	(2,6)	656	(3,0)
Canada	529	(1,6)	89	(1,1)	380	(3,7)	412	(3,4)	469	(2,2)	592	(1,8)	641	(2,2)	670	(3,0)
Czech Republic	511	(2,4)	94	(1,5)	355	(5,6)	389	(4,0)	449	(3,6)	577	(3,8)	632	(4,1)	663	(4,9)
Denmark	481	(2,8)	103	(2,0)	310	(6,0)	347	(5,3)	410	(4,8)	554	(3,5)	613	(4,4)	645	(4,7)
Finland	538	(2,5)	86	(1,2)	391	(5,2)	425	(4,2)	481	(3,5)	598	(3,0)	645	(4,3)	674	(4,3)
France	500	(3,2)	102	(2,0)	329	(6,1)	363	(5,4)	429	(5,3)	575	(4,0)	631	(4,2)	663	(4,9)
Germany	487	(2,4)	102	(2,0)	314	(9,5)	350	(6,0)	417	(4,9)	560	(3,3)	618	(3,5)	649	(4,7)
Greece	461	(4,9)	97	(2,6)	300	(9,3)	334	(8,3)	393	(7,0)	530	(5,3)	585	(5,3)	616	(5,8)
Hungary	496	(4,2)	103	(2,3)	328	(7,5)	361	(4,9)	423	(5,5)	570	(4,8)	629	(5,1)	659	(8,5)
Iceland	496	(2,2)	88	(1,6)	351	(7,0)	381	(4,3)	436	(3,7)	558	(3,1)	607	(4,1)	635	(4,8)
Ireland	513	(3,2)	92	(1,7)	361	(6,5)	394	(5,7)	450	(4,4)	578	(3,4)	630	(4,6)	661	(5,4)
Italy	478	(3,1)	98	(2,6)	315	(7,1)	349	(6,2)	411	(4,4)	547	(3,5)	602	(4,0)	633	(4,4)
Japan	550	(5,5)	90	(3,0)	391	(11,3)	430	(9,9)	495	(7,2)	612	(5,0)	659	(4,7)	688	(5,7)
Korea	552	(2,7)	81	(1,8)	411	(5,3)	442	(5,3)	499	(4,0)	610	(3,4)	652	(3,9)	674	(5,7)
Luxembourg	443	(2,3)	96	(2,0)	278	(7,2)	320	(6,8)	382	(3,4)	510	(2,8)	563	(4,4)	593	(4,0)
Mexico	422	(3,2)	77	(2,1)	303	(4,8)	325	(4,6)	368	(3,1)	472	(4,7)	525	(5,5)	554	(7,0)
New Zealand	528	(2,4)	101	(2,3)	357	(5,6)	392	(5,2)	459	(3,8)	600	(3,4)	653	(5,0)	683	(5,1)
Norway	500	(2,8)	96	(2,0)	338	(7,3)	377	(6,6)	437	(4,0)	569	(3,5)	619	(3,9)	649	(6,2)
Poland	483	(5,1)	97	(2,7)	326	(9,2)	359	(5,8)	415	(5,5)	553	(7,3)	610	(7,6)	639	(7,5)
Portugal	459	(4,0)	89	(1,6)	317	(5,0)	343	(5,1)	397	(5,2)	521	(4,7)	575	(5,0)	604	(5,3)
Spain	491	(3,0)	95	(1,8)	333	(5,1)	367	(4,3)	425	(4,4)	558	(3,5)	613	(3,9)	643	(5,5)
Sweden	512	(2,5)	93	(1,4)	357	(5,7)	390	(4,6)	446	(4,1)	578	(3,0)	630	(3,4)	660	(4,5)
Switzerland	496	(4,4)	100	(2,4)	332	(5,8)	366	(5,4)	427	(5,1)	567	(6,4)	626	(6,4)	656	(9,0)
United Kingdom	532	(2,7)	98	(2,0)	366	(6,8)	401	(6,0)	466	(3,8)	602	(3,9)	656	(4,7)	687	(5,0)
United States	499	(7,3)	101	(2,9)	330	(11,7)	368	(10,0)	430	(9,6)	571	(8,0)	628	(7,0)	658	(8,4)
OECD total	502	(2,0)	102	(0,9)	332	(3,3)	368	(3,1)	431	(2,8)	576	(2,1)	631	(1,9)	662	(2,3)
OECD average	500	(0,7)	100	(0,5)	332	(1,5)	368	(1,0)	431	(1,0)	572	(0,8)	627	(0,8)	657	(1,2)
Non-OECD Countries																
Brazil	375	(3,3)	90	(2,3)	230	(5,5)	262	(5,9)	315	(3,7)	432	(4,9)	492	(7,8)	531	(8,2)
Latvia	460	(5,6)	98	(3,0)	299	(10,1)	334	(8,8)	393	(7,7)	528	(5,7)	585	(7,2)	620	(8,0)
Liechtenstein	476	(7,1)	94	(5,4)	314	(23,5)	357	(20,0)	409	(12,3)	543	(12,7)	595	(12,4)	629	(24,0)
Russian Federation	460	(4,7)	99	(2,0)	298	(6,5)	333	(5,4)	392	(6,2)	529	(5,8)	591	(5,9)	625	(5,7)